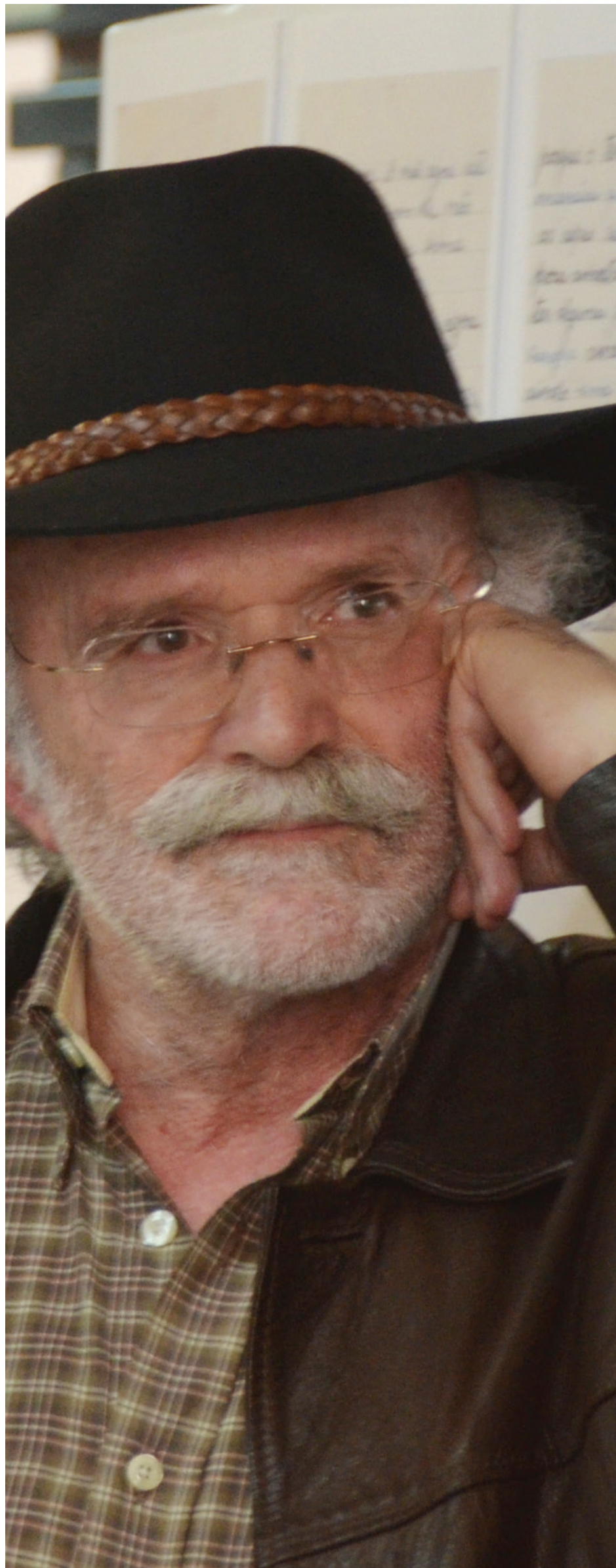


Jaime Fernandes, autor de “Os Canhões de Santarém que floriram em Lisboa”

“As marcas da subserviência e da desesperança entranharam-se nos genes do povo português”



No dia 25 de Abril, Jaime Fernandes estava detido no Forte de Caxias. Tinha sido preso, pela segunda vez, pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) durante uma reunião da Comissão Democrática Eleitoral (CDE). Antes, em 1971, já tinha sido julgado e condenado a 22 meses de prisão, que cumpriu nas cadeias de Caxias e de Peniche, e no Presídio Militar: pertence a uma geração de generosos lutadores que fizeram das suas vidas uma forma de resistência e formaram uma onda de oposição ao fascismo que teve como epicentro a cidade de Santarém.

“Os Canhões de Santarém que floriram em Lisboa”, título que marca a estreia literária de Jaime Fernandes, foi, por isso, um “imperativo de consciência”, uma necessidade que o autor sentiu em transmitir as memórias que guarda do ambiente social, cultural e político dos tempos da ditadura. Uma obra que, segundo escreve João Luís Madeira Lopes no prefácio, transmite a mensagem que o “25 de Abril não caiu do céu, como dádiva divina”.

Natural da freguesia de Achete, onde nasceu a 19 de Agosto de 1947, Jaime Fernandes é licenciado em Geografia, pela Faculdade de Letras de Lisboa, cumpriu serviço militar em Santarém de 1969 a 1971 e foi documentalista nos jornais ‘A Capital’ e ‘Diário de Notícias’, onde fazia a ponte com o ex-director do Correio do Ribatejo, Virgílio Arruda, na cedência de gravuras que eram depois publicadas neste Jornal, nos anos 70 e 80.

O que o motivou a escrever este livro?

Por imperativo de consciência senti-me na necessidade de transmitir as memórias que guardo do ambiente social, cultural e político dos tempos da ditadura e do combate das forças oposicionistas para o seu derrube, com relevo para os dois anos que antecederam a Revolução do 25 de Abril. Pode parecer estranho, mas fiz pouca investigação para escrever este livro, que há muito tempo tinha na cabeça e só agora foi possível concretizá-lo. E decidi fazê-lo de maneira ficcionada por pensar que seria mais agradável para mim e para os leitores.

Qual o objetivo central tratado na obra?

A caracterização da ditadura e os trilhos distintos percorridos por civis e militares para a sua queda, incluindo as formas de organização, as motivações e os factos históricos, mais ou menos ficcionados.

Qual foi, afinal, o papel que Santarém teve na criação de uma consciencialização social e política que gerou Abril?

É minha convicção de que ainda não foi dado o relevo devido a Santarém, tanto no campo civil como militar, bem como a outras povoações do Ribatejo, para que Abril acontecesse. Nos anos 60 e 70 gerou-se um ambiente cultural fervilhante na cidade, em parte influenciado pelas lutas estudantis, em Coimbra e em Lisboa, contra o regime.

Os estudantes universitários de Santarém que vinham a casa nos fins-de-semana ou nas férias traziam informações, ideias e forças que contribuíram bastante para esse ambiente. O Cineclube, o Círculo Cultural Scalabitano, a Associação Académica de Santarém e os “Caixeiros”, cada qual à sua maneira, foram o suporte das actividades culturais desenvolvidas. Eram criteriosamente seleccionados os filmes, as peças de teatro, as sessões de poesia, as actividades musicais, as conferências, os debates, para uma consciencialização social e política que pusesse em causa a ditadura.

Que memórias guarda dos tempos de ditadura do Estado Novo em Portugal?

De um país muito cinzento e de muita tristeza nos rostos das pessoas. Quem pensava e se expressava de modo diferente do regime corria o risco de ser preso,

torturado ou morto. Na minha aldeia, que não seria das que tinham piores condições, havia fome, apesar da solidariedade de familiares e vizinhos, porque eram quase todos pobres. Na minha aldeia, não havia telefone, nem electricidade, para além de não haver água canalizada, nem esgotos. Nenhuma casa tinha casa de banho. As casas de banho eram o campo. Muitas pessoas não sabiam o que era tomar banho. As marcas da subserviência aos poderes e da desesperança em mudar o rumo dos acontecimentos entranharam-se nos genes e os seus efeitos iriam perdurar por muito tempo. Só assim se compreenderá a razão de um povo eleger governos contra os seus próprios interesses, como é o caso actual.

Como era ser documentalista em jornais, antes do 25 de Abril, e como foi parar à profissão?

Os documentalistas tinham de estar preparados para fornecer dossiês e outros materiais para preencherem os espaços em branco, provocados pelos cortes da censura. Comecei a trabalhar como documentalista no jornal A Capital, em 1973, por convite do Presidente do Sindicato dos Jornalistas, António Santos, que estivera preso comigo na Cadeia do Forte de Peniche, e por José João Louro, companheiro de muitas causas em Santarém.

De que forma lidava com a censura?

Nos jornais todos lidávamos mal com a censura, dado que estavam em causa a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa, mas também devido aos transbordamentos que causava aos profissionais, que nunca sabiam que jornal iriam poder ter, devido aos cortes sistemáticos da censura. Nunca se sabia a quantidade de trabalhos necessários a ter de reserva para colmatar os cortes da censura. Para além dos trabalhos que eram totalmente cortados, havia outros que eram dilacerados de tal forma que deixavam de fazer sentido e eram retirados.

Estava preso quando se deu o 25 de Abril. Como recebeu a notícia?

No dia 25, na Cadeia do Forte de Caxias, achámos estranho que os guardas da GNR começassem a usar capacetes e se deslocassem em correrias, ao contrário do que era normal. Também achámos estranho que os guardas prisionais tives-

sem deixado de fazer as revistas às celas e que as visitas dos familiares tivessem sido canceladas.

Sabíamos que algo se estaria a passar. Só à noite, um dos presos políticos decidiu uma mensagem emitida pela buzina de um automóvel informando que teria havido um golpe de estado. Mas ficámos sem saber o seu sentido político. Sabíamos da possibilidade de um golpe de estado de orientação ainda mais à direita que poderia trazer consequências dramáticas para os presos políticos. Por isso passámos uma noite em grande ansiedade. Só ficámos descansados, na manhã do dia 26, quando um dos presos políticos reconheceu o oficial que comandava as forças paraquedistas que estavam a ocupar o forte e lhe perguntou quem estava à frente do golpe militar.

Como viveu esses primeiros dias de Liberdade?

A saída da Cadeia do Forte de Caxias não foi fácil porque não se pretendia libertar todos os presos políticos. Só depois de muitas pressões políticas e dos advogados, e de os presos políticos terem decidido que ou saíam todos ou não sairia ninguém é que foi dada a ordem de saí-

rem todos, mas já na madrugada do dia 27.

À saída estava uma multidão pronta a abraçar os presos... E deram-se cenas de muita emoção e muita comoção... A seguir fui para o Rossio experimentar a liberdade a sério; pular de contentamento com as centenas de pessoas que festejavam na praça, de bandeiras vermelhas empunhadas.

A frase “Ainda falta cumprir Abril”, faz sentido para si?

A sociedade está em mutação constante e as mudanças são cada vez mais céleres. A sociedade alterou-se substancialmente. Com a grande revolução que se está a operar nas formas de informação e comunicação nada ficará como dantes. Temos de nos preparar para o que vem aí, para novas formas de organização, de mobilização e de consciencialização. Só faz sentido olharmos para trás para evitarmos cometer os mesmos erros.

Em Santarém, fez parte de um pequeno grupo de jovens que, em 1969, foram eleitos com outros antifascistas para a Comissão Executiva da CDE (Comissão Democrática Eleitoral) do Distrito. Em

que altura da sua vida começou a desenvolver uma consciência democrática?

As grandes desigualdades sociais chocavam-me. E cedo comecei a pensar que não teria de ser assim. Que teria de ser possível aos mais desfavorecidos poderem viver com dignidade. E andava atento aos sinais que me apontassem para esse desígnio. Quando fui estudar para Santarém comecei a frequentar eventos culturais e a contactar com as pessoas certas, para abrir os horizontes. Lembro-me perfeitamente da minha ânsia de conhecimento. As dúvidas eram muitas e procurava esvanecê-las com os amigos que me rodeavam.

Apesar de tudo, “A Democracia é o pior de todos os sistemas, com exceção de todos os outros”.

Pois... as alternativas à Democracia são sempre piores. Os políticos devem prestar contas e sujeitarem-se ao sufrágio dos povos. O poder é muito apetecível e o homem tem a tendência natural para abusar dele. A regeneração e a alternativa têm de ser possíveis, sempre.

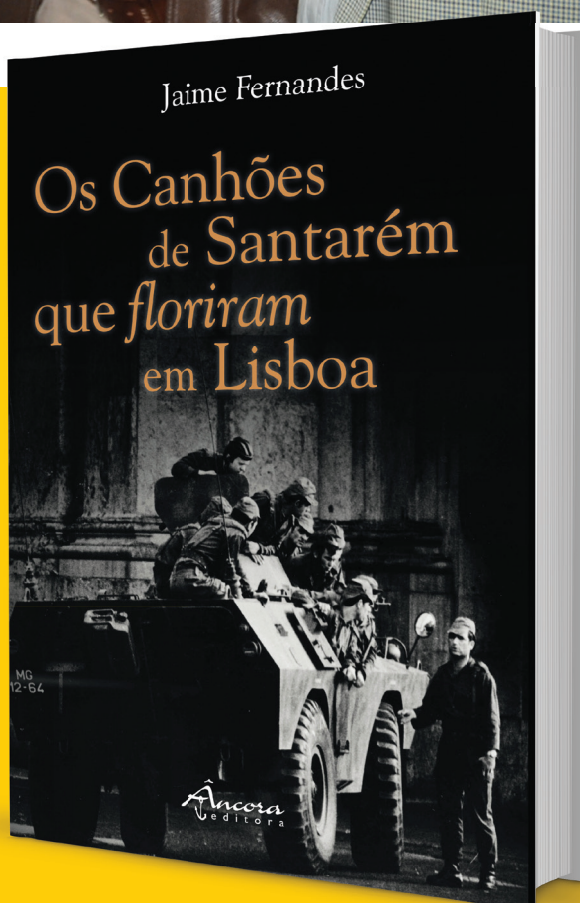
Filipe Mendes



O autor da obra junto a José João Louro, Jaime Carvalho e Correia Bernardo na homenagem promovida pelo Correio do Ribatejo aos presos políticos, em Abril deste ano, na sede deste Jornal

SINOPSE DE “OS CANHÕES DE SANTARÉM QUE FLORIRAM EM LISBOA”

Quatro estudantes universitários, que frequentavam a Universidade de Lisboa e a Academia de Amadores de Música, envolveram-se em amores, e em manifestações, convívios culturais e outras actividades contra a ditadura, nos dois anos que precederam a Revolução do 25 de Abril. Um dos estudantes era de Santarém, teve um papel destacado na coluna militar de Salgueiro Maia no derrube da ditadura e acabou por participar na libertação da namorada na Cadeia do Forte de Caxias. Outro estudante era de Évora e morreu na guerra colonial, assassinado pela PIDE. As duas estudantes, suas namoradas, eram filhas de um deputado da ala mais conservadora da Assembleia Nacional. Uma foi presa durante uma luta pelo fim da guerra colonial, na Capela do Rato; a outra foi presa numa reunião da CDE. Os quatro passaram férias em Santarém onde ficaram a conhecer o meio cultural e político da cidade e do Ribatejo. O estudante de Santarém enredou-se numa teia complicada de amores com as duas irmãs e a mãe delas.



PERGUNTA & RESPOSTA

Quais são as suas grandes referências literárias?

Gosto muito de poesia. E coloco Fernando Pessoa num patamar bastante mais elevado que todos os outros. Relevo também José Gomes Ferreira, tanto na poesia como na prosa, e algumas obras de Eça de Queiroz, Aquilino Ribeiro, Vergílio Ferreira e António Lobo Antunes.

O que é, para si, escrever?

Este livro abriu-me o apetite. Deu-me muito gozo escrevê-lo. E o que eu aprendi... Espero continuar a aprendizagem e o gozo... nos próximos livros...

Livro de cabeceira?

“Livro do desassossego” de Fernando Pessoa. Abro-o sempre ao acaso, em qualquer página.

Lema de vida?

Sempre disponível para abraçar as grandes causas.

Um título para o livro da sua vida?

A felicidade como objectivo supremo.

Se pudesse alterar algum facto da história de Portugal qual alteraria?

Eliminaria o golpe militar de 28 de Maio de 1926, pelos sofrimentos que provocou ao povo português, durante décadas.

Viagem de sonho/destino de eleição?

Depois de uma viagem deslumbrante por todo o oeste dos EUA, teria de ser a Rota da Seda, pela possibilidade de contacto e conhecimento com povos, culturas e paisagens surpreendentes. Em alternativa, talvez fazer a viagem do transiberiano, ou de Buenos Aires à Terra do Fogo, já perto da Antártida.

BIOGRAFIA

Jaime Fernandes nasceu na freguesia de Achete, concelho de Santarém, a 19 de Agosto de 1947. Participou na campanha eleitoral de 1969, pela Comissão Democrática Eleitoral (CDE) do distrito de Santarém e nos encontros nacionais em representação do distrito. Em 1971, quando cumpria o serviço militar em Santarém, foi preso pela PIDE por desenvolver actividades contra a ditadura como membro do PCP; foi julgado e condenado a 22 meses de prisão que cumpriu nas cadeias de Caxias e de Peniche, e no Presídio Militar. Acabou o serviço militar na 1.ª Companhia Disciplinar de Penamacor. Participou na campanha eleitoral de 1973, pela CDE dos distritos de Lisboa. Em 1974 voltou a ser preso pela PIDE, numa reunião da CDE de Lisboa. Saiu da Cadeia do Forte de Caxias no dia 27 de Abril de 1974, libertado pelo MFA (Movimento das Forças Armadas). Foi durante 12 anos documentalista nos jornais A capital e Diário de Notícias. Depois da licenciatura em geografia leccionou durante 22 anos no ensino oficial. Participa desde os anos 80 no Movimento Internacional para uma Nova Museologia. Actualmente, reside próximo da Ericeira.